

## RESENHA

PAIVA, Adriano Toledo. *Os Indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767 – 1813)*. Belo Horizonte: Argumentum, 2010. 208 p.

**HELENA AZEVEDO PAULO DE ALMEIDA<sup>1</sup>**  
*UFOP*

---

Temos vivido, no ambiente acadêmico, uma verdadeira ascensão da história indígena e uma mudança na forma como ela é estudada. Após décadas sendo retratado como personagem vitimizado nas páginas da História, o indígena volta a figurar nas pesquisas universitárias do país como sujeito histórico que sobrevive e faz sobreviver sua cultura própria. Adriano Toledo Paiva traz em *“Os Indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767 – 1813)”* uma discussão que faz refletir sem, contudo, tornar-se militante ou correr o risco de tanger em anacronismos, tão comum ao desenvolvimento de trabalhos da área.

Originalmente no formato de dissertação de mestrado, a obra aborda, com viés antropológico, necessário e indiscutível, o silvícola da região de fronteira da Freguesia do Mártir São Manoel dos Sertões do Rio Pomba e Peixe dos índios Cropós e Croatos, unidade administrativa que se compunha pela presença de um aldeamento régio.

O que distingue o trabalho do autor é a presença constante do viés

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de iniciação científica pelo CNPq, através do projeto intitulado “Conflito e conversão: a política referente aos indígenas na Capitania de Minas Gerais durante o século XVIII”. E-mail: [helenoca@gmail.com](mailto:helenoca@gmail.com).

antropológico e a preocupação em dar rostos aos indígenas, tão sumariamente escondidos nas histórias do país. Neste sentido, o autor percorre pelo campo investigativo os personagens atuantes como agentes de permeio cultural, dentre eles o índio Coroado, Pedro da Motta (um desses rostos esquecidos). Este personagem é referência para a ideia de "hibridismo cultural" (não por coincidência, foi escolhido para apresentar a introdução da pesquisa), caracterizando a assimilação de valores europeus para o cotidiano do ameríndio. Em vida, Pedro da Motta converteu-se ao Deus cristão e mostrou-se submisso ao governo português, chegando a trabalhar como sacerdote. Morreu em 1785, com a apreciação dos membros da comunidade fixada na região. Aquele espaço territorial (convertido em paróquia anos depois, e que, no período colonial, foi marcado por combates sangrentos e expedições colonizadoras), após a composição do aldeamento, foi elevado à vila em 1831.

Nessa delimitação de espaço apresentada, o livro se divide em quatro capítulos. O primeiro aborda o desenvolvimento de um panorama geral da *"Conquista dos Sertões do Rio Pomba"*, para a narrativa específica das personagens envolvidas, sem nunca deixar que a exposição da pesquisa se perca em meandros puramente biográficos.

Os vadios e facínoras, comumente encontrados em Minas Gerais setecentista, dão lugar ao índio como elemento prejudicial à colonização portuguesa, principalmente em se tratando dos índios das "matas proibidas", minudência predominante quando se ouvia falar na região dos *Sertões do Rio Pomba e Peixe dos Índios Cropós e Croatos*. Se a princípio o ato de proibir a entrada dos cidadãos nas matas era favorável à Coroa, evitando o contrabando de ouro e diamantes, posteriormente e principalmente após a segunda metade do século XVIII, a prática era estimulada. Assim, os indígenas se encontravam, resumidamente, em duas posições: fugir e continuar naturais da terra, como os Botocudos, até início do século XIX; ou "aceitar a civilização" dos europeus em aldeamentos, como os Coropós e Coroados do Rio Pomba, abordados por Paiva.

A administração dos índios é descrita de maneira tal que o leitor, pesquisador ou não, se envolve com a pesquisa realizada pelo autor. Mas o que mais chama atenção no trabalho, além do que já foi mencionado, é a narrativa referente às reestruturações de poder entre os índios aldeados. A abordagem realizada se principia pelas lideranças das aldeias indígenas,

permeando os mecanismos de poder nas conquistas coloniais, e finaliza com a conversão do cacique nativo em capitão, reestruturando a aldeia<sup>2</sup>. Faz-se necessário destacar que o autor, ao discorrer sobre o estudo, não deixa de abordar personagens específicos, em uma perspectiva analítica que articula elementos da história e da antropologia. Na análise o autor discute sobre a adaptação dos nativos aldeados, tendo como exemplo personificado o já mencionado padre indígena Pedro Motta, na tentativa de

(...)elaborar uma identificação do indígena como sacerdote de mesma condição; incitando-os a abandonar a vida gentílica pelo exemplo do eclesiástico. O sacerdote indígena possuía a capacidade de comunicar-se no idioma de seus catequizandos e de instruí-los nos rudimentos da língua portuguesa (PAIVA, 2010, p. 88).

Uma vez que essa adaptação entrava em curso, a localidade solidificava sua estrutura, a ponto de abrigar maior número de nativos e colonos. Porém, é comprovado, através da documentação utilizada pelo autor, que muitos indígenas voltavam à cultura original das matas, o que representava um evidente desgosto aos caminhos dos catequizadores e civilizadores. Nesse ambiente, é discutida a relação da política indígena em consonância com a política indigenista aplicada na região. A aplicabilidade de tal conceito é exemplificada pelo autor através da concessão de administração dos indígenas nos aldeamentos por eles próprios, consolidando, assim, mesmo que por breves momentos, o “Domínio dos Índios” sobre suas próprias aldeias.

A abordagem do período de 47 anos, com personagens que simbolizam o espaço de tempo tratado e determinam os temas discutidos, nos distancia de um efeito de “curta duração”, muito comum nos estudos etnográficos produzidos no século XX, ao se estudar apenas um recorte, excluindo-o de um contexto maior. Ao traçar uma abordagem de “longa duração”, Adriano Toledo Paiva elimina o possível efeito militante que a narrativa poderia apresentar, em termos de defesa do indígena. De forma mais explícita, é possível dizer que, após quase cinco séculos de omissão ou

---

<sup>2</sup> Aqui vale ressaltar que o autor relaciona a posição de cacique do chefe indígena com adaptabilidade ao termo “Capitão”. Essa adaptação por parte dos colonos e indígenas era comumente feita ao longo dos séculos XVII, XVIII e meados do século XIX e, de acordo com o autor, “os capitães representavam uma nova forma de governo concedida pelos colonizadores, e que gradativamente foi incorporada pelos aldeados como medida eficaz de resguardo de seus direitos e de suas comunidades” (PAIVA, 2010, p. 184).

opressão historiográfica, o trabalho difere pela preocupação em apresentar o mineiríndio como o que substancialmente é: guerreiro.

A finalização da obra transita em um discurso dicotômico: a inquietação dos índios Coropós e Coroados em elevar o aldeamento do Rio Pomba e Peixe à categoria de vila (o que figura a condição de adaptação cultural) e os conflitos entre os mesmos indígenas com os colonos pela posse de terras. Como salienta o autor, a luta pela posse de terra foi, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, um dos motivos principais das disputas documentadas entre “bugres” e “civilizados”. Cabe assim um importante ensinamento para o entendimento da situação indígena passada e presente: o que é compreendido como luta social pela posse de terras já era uma realidade há duzentos anos!

Mesmo no período imperial brasileiro, o prélio entre os dois grupos anteriormente mencionados era constante. O discurso transita entre a exposição do indígena como sujeito de cultura híbrida, que abraça os preceitos europeus de convivência a ponto de reivindicar a nomeação de vila para o aldeamento, e, como já foi mencionado, os conflitos com os colonos. Assim, o autor arremata a discussão abordando o indígena que, mesmo sob turbulento processo de hibridismo cultural, adota uma ação evasiva, abandonando os espaços das aldeias coloniais, para voltarem novamente às matas, anteriormente proibidas aos colonos. A investigação dessa relação, que tange os lados opostos da etnohistória, se mostra como aspecto claramente demonstrativo da cautela necessária à pesquisa, que utiliza de conceitos e dados populacionais “não os considerando como valores universais” (PAIVA, 2010, p. 180).

Para finalizar, vale ressaltar que a abordagem realizada pelo autor interage com a situação definida por Serge Gruzinski (2001) de miscigenação entre os ameríndios e os europeus. Para Gruzinski, as mestiçagens ocorridas nas Américas se definiram através da “quebra” de antigas identidades étnicas em prol da construção de um novo conjunto de caracteres que designasse um sujeito social que confronta o indígena encontrado no Novo Mundo. Assim, a pesquisa de Paiva aborda a miscigenação brasileira como decorrência do processo colonizador, e ainda na tentativa de atrair e interagir com o passado em sua complexidade, mas sem abdicar da defesa do índio brasileiro.

**Referências bibliográficas**

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PAIVA, Adriano Toledo. **Os Índigenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767 – 1813)**. Belo Horizonte: Argvmentvum, 2010. 208 p.

---